

## **NEGÓCIOS FLORESTAIS TÊM FOLEGO PARA IR MAIS LONGE NA ATUAL CRISE DA INDÚSTRIA**

O cenário econômico nacional tem apontado para um preocupante desaquecimento geral da econômica e dos mercados internos. Desde a crise econômica mundial que se iniciou em 2008, o governo brasileiro tem atuado, principalmente, de forma paliativa e sem uma orientação mestra, definindo medidas para ajudar diferentes setores em diferentes ocasiões, mas de forma desorquestrada. Neste cenário de políticas governamentais inconsistentes, a análise conjuntural do Centro de Inteligência em Florestas (CI Florestas) observa que os empresários e indústrias do setor florestal, astutamente, estão procurando mudar o portfólio de mercados que atuam, mudando o foco do mercado interno para produtos e mercados internacionais que já começam a apontar recuperação e avanço no consumo. No entanto, cabe o questionamento: até quando e com que magnitude essas inversões de estratégias podem dar fôlego e evitar uma redução mais intensa dos negócios florestais brasileiros?

### **Segmento de Celulose e Papel**

De maio a julho de 2014, as exportações e os preços do segmento de celulose e papel aumentaram em relação ao mesmo período do ano anterior, enquanto as importações de papel reduziram-se.

A indústria brasileira produtora de celulose e papel apurou exportações de 1,4 milhão de toneladas em julho de 2014 (US\$651,8 milhões) (Quadro 1), sendo que deste valor, as exportações de celulose corresponderam a 984 mil toneladas e US\$481,3 milhões, um aumento de 18% em volume e de 4% em termos de valor sobre julho de 2013.

No período de maio a julho desse ano houve uma alta de 18% no volume da celulose vendida ao exterior, em relação ao mesmo período do ano anterior, com destaque para as exportações para a China, segundo maior mercado para a celulose brasileira. Em comparação com o ano passado, as exportações nacionais de celulose para este país cresceram cerca de 8%.

No caso do papel, as exportações brasileiras foram de 163 mil toneladas e US\$170,4 milhões em julho de 2014, representando um aumento de 10% e de 6,8% em termos de quantidade e valor, respectivamente, em relação ao julho de 2013 (MDIC, 2014). De maio a julho de 2014, as exportações brasileiras de papel permaneceram relativamente constantes no valor vendido ao exterior e aumentaram 2,3% em termos de volume exportado, em relação ao mesmo período de 2013.

As importações de papel, por outro lado, em julho desse ano, foram de 325 mil toneladas e US\$382 milhões, um aumento de 7% em volume e de 4% em termos de valor sobre julho de 2013. De maio a julho desse ano, houve redução de 1,6% no volume importado de papel pelo Brasil e de 2,8% no valor importado, em relação ao mesmo período do ano passado.

Quadro 1 – Exportações e Importações Brasileiras de Celulose e Papel de Maio a Julho de 2014

Período	Exportações de papel		Exportações de celulose		Importação de papel	
	US\$ FOB	Quantidade (t)	US\$ FOB	Quantidade (t)	US\$ FOB	Quantidade (t)
<b>MAIO</b>	168.471.832	160.217	493.530.959	1.016.584	120.878.528	107.503
<b>JUN</b>	154.884.177	147.928	436.236.719	926.888	119.510.197	98.172
<b>JUL</b>	170.453.380	163.049	481.353.698	984.492	142.117.934	119.332
<b>TOTAL</b>	493.809.389	471.194	1.411.121.376	2.927.964	382.506.659	325.007

Fonte: MDIC (2014), elaborado pelos autores.

No que diz respeito ao preço da celulose e do papel, estes apresentaram pequena variação média de maio a julho deste ano (Quadro 2). Em comparação com o mesmo período de 2013, não houve alteração no preço da celulose. Já os preços do papel *offset* em bobina e *cut size* aumentaram em 1%, em média. Esse comportamento dos preços se deve a uma menor oferta no mercado, como está acontecendo na América do Norte e na Europa, por exemplo.

Quadro 2 - Preço da Celulose e do Papel em São Paulo de Maio a Julho de 2014

Período (mês)	Preço da celulose (US\$/t.)	Papel offset em bobina (R\$/t.)	Papel cut size (R\$/t.)
<b>MAIO</b>	758,88	3.257,99	3.291,75
<b>JUN</b>	750,52	3.253,41	3.273,76
<b>JUL</b>	744,57	3.258,33	3.273,76

Fonte: CEPEA (2014), elaborado pelos autores.

### Segmento de Madeira Processada

Em julho de 2014, as exportações de madeira e derivados foram de US\$187,1 milhões, representando um aumento de 13,1% em relação a junho. Por sua vez, as importações, para o mesmo período, foram de US\$14,5 milhões, alta de 11,1% em relação a junho. Portanto, o saldo na balança comercial de julho teve uma alta de 13,2%. No acumulado do ano de 2014, de janeiro a julho, as exportações totalizaram US\$1.237,5 milhões, apresentando um aumento de 8,2%, quando comparadas às do mesmo período do ano passado. Já as importações de janeiro a julho de 2014 totalizaram US\$90,3 milhões e foram 5,6% maiores em relação ao mesmo período de 2013. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de janeiro a julho de 2014 foi de US\$1.147,3 milhões, 8,4% maior que igual período do ano passado. Portanto, o segmento de madeira processada neste mês de julho tenta retomar o crescimento, aumentando suas exportações que haviam caído em junho (Quadro 3).

Quadro 3 – Balança Comercial Brasileira para Madeira e Derivados (capítulo 44) de Janeiro a Julho de 2013 e 2014, em US\$1.000

Mês	2014			2013			Variação % entre os anos		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
<b>JAN</b>	144.340	12.507	131.833	140.583	14.367	126.216	2,7	-12,9	4,5
<b>FEV</b>	184.376	13.911	170.464	151.817	10.867	140.949	21,4	28,0	20,9
<b>MAR</b>	177.876	11.741	166.135	163.586	12.958	150.629	8,7	-9,4	10,3
<b>ABR</b>	181.800	12.160	169.639	178.206	13.252	164.955	2,0	-8,2	2,8
<b>MAI</b>	196.582	12.344	184.237	179.158	12.496	166.662	9,7	-1,2	10,5
<b>JUN</b>	165.475	13.083	152.392	167.739	10.189	157.550	-1,3	28,4	-3,3
<b>JUL</b>	187.096	14.532	172.564	163.027	11.330	151.697	14,8	28,3	13,8
<b>Acumulado</b>	<b>1.237.545</b>	<b>90.280</b>	<b>1.147.265</b>	<b>1.144.116</b>	<b>85.459</b>	<b>1.058.658</b>	<b>8,2</b>	<b>5,6</b>	<b>8,4</b>
<b>Variação % entre JUL e JUN</b>	13,07	11,08	13,24	-2,81	11,20	-3,72			

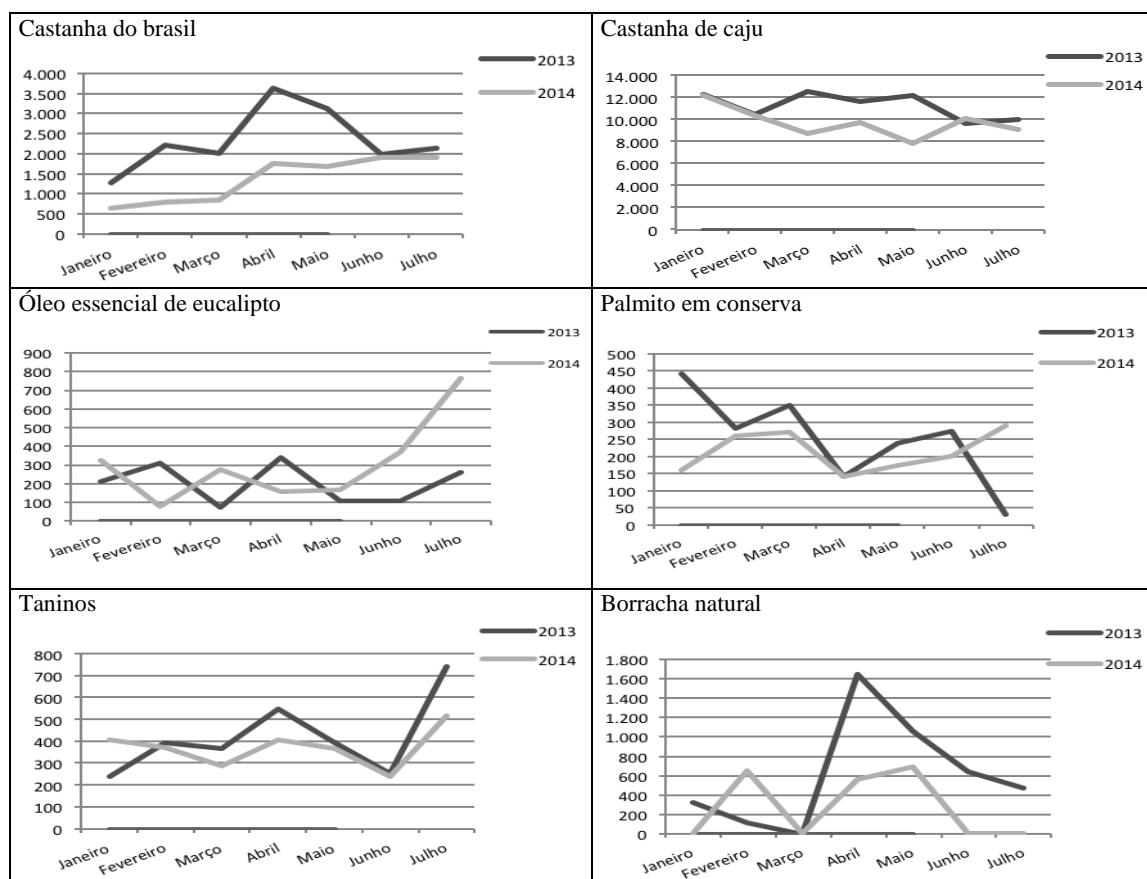
Fonte: MDIC (2014), elaborado pelos autores.

Segundo o estudo de Ivan Tomaselli, diretor-presidente da STCP – Engenharia e Projetos, nos últimos dez anos a inflação brasileira foi de 71% (base IPCA); os custos da madeira em tora tiveram incremento menor que a inflação; os componentes cola, energia elétrica e diesel tiveram aumento próximo a inflação; a mão de obra teve um incremento de 2,5 vezes a inflação; e o preço do compensado teve incremento abaixo

da inflação (40%). Este cenário indica que, no período estudado (2004-2013), a indústria de madeira processada brasileira teve perda de rentabilidade no negócio e perda de competitividade no mercado internacional. Por isso a indústria deve buscar melhorias de produtividade da mão de obra e no rendimento do processo de transformação para reverter esta situação (STCP, 2014).

### Produtos Florestais Não-Madeireiros

As exportações dos produtos florestais não madeireiros (PFNM) selecionados (castanha do brasil, castanha de caju, óleo essencial de eucalipto, palmito em conserva, taninos e borracha natural), no mês de julho de 2014, mantiveram a tendência dos meses anteriores de 2014, com valores inferiores aos correspondentes do ano de 2013. De janeiro a julho de 2014, estas exportações totalizaram US\$85,3 milhões, representando um decréscimo de 19,1% quando comparadas às do mesmo período de 2013 (Figura 1).



Fonte: MDIC (2014), elaborado pelos autores

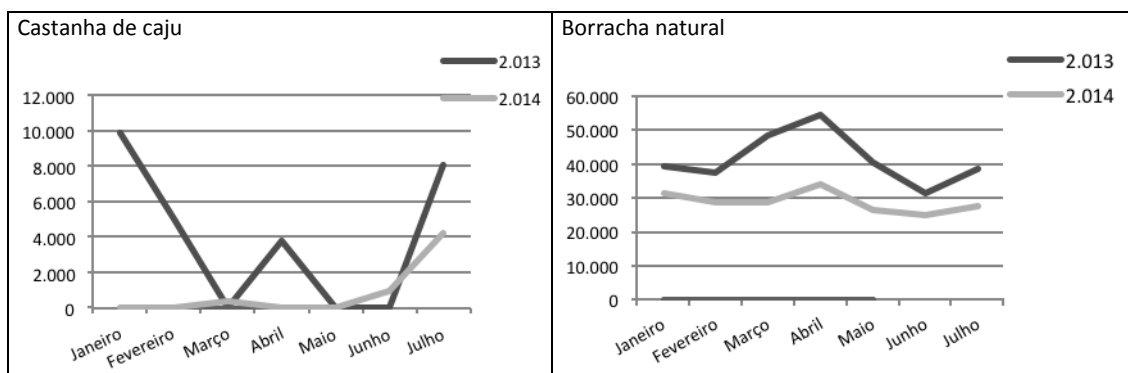
Figura 1 - Exportações de PFNMs Selecionados de Janeiro a Julho de 2013 e 2014, em US\$1.000.

A castanha de caju é o produto mais exportado dentre os PFNMs selecionados, atingindo em junho e julho deste ano valores de exportação próximos àqueles observados em 2013. A castanha do Brasil é o segundo produto mais exportado, sendo observado um aumento das exportações nos últimos dois meses, de forma semelhante ao seu comportamento observado em 2013.

Para os óleos essenciais de eucalipto, percebe-se uma alternância dos valores das exportações de janeiro a julho, tanto para 2013 quanto para 2014. Porém, nos últimos dois meses deste ano, a exportação teve um aumento exponencial, assumindo valores em junho e julho de US\$369,2 mil e US\$765,6 mil, respectivamente.

Para as importações dos PFNMs, o ano de 2014 vinha apresentando baixos valores para a castanha de caju e borracha natural, quando comparados a 2013 (Figura 2). Porém, nos últimos dois meses, observou-se um aumento para as importações da castanha de caju que, de nenhuma importação registrada em maio deste ano, evoluiu para US\$935,5 mil em junho e US\$4,2 milhões em julho. As importações de borracha natural em 2014 se mantêm menores que aquelas observadas em 2013. Atualmente, com a instalação de uma fábrica de pneus de motocicletas e de bicicletas no Polo Industrial de Manaus (PIM), a produção nos seringais do estado (2mil t/ano) deixa de atender toda demanda da indústria local (14mil t/ano), sendo necessário adquirir a matéria-prima de outros estados, como o Acre e Mato Grosso, além de importar da Malásia, Indonésia, Tailândia e países africanos.

De acordo com o pesquisador da Embrapa, Everton Cordeiro, para atender a demanda local, o Amazonas precisaria ter uma área destinada ao cultivo de seringueiras calculada em 8 mil hectares, com 500 seringueiras em cada hectare. Este número corresponde a uma produção de 12 mil toneladas de borracha, quantidade suficiente para atender a fabricação local.



Fonte: MDIC (2014), elaborado pelos autores

Figura 2 – Gráficos de Importação de PFNMs Selecionados de Janeiro a Julho de 2013 e 2014, em US\$1.000.

### Segmento Moveleiro

O quadro negativo da indústria – baixa atividade, queda no número de empregados e estoques em elevação – aprofundou-se em junho. Esse foi, praticamente, o mesmo quadro encontrado para a indústria de móveis, que no *ranking* dos setores analisados ficou entre os cinco piores, segundo os indicadores industriais da Confederação Nacional da Indústria (CNI) de agosto de 2014. Apesar dos industriais esperarem manter a quantidade exportada nos próximos meses, irão reduzir o número de empregados. O baixo volume de vendas devido à realização da Copa do Mundo foi apontada como principal causa do mal desempenho da indústria em geral no país.

As relações do setor moveleiro com o exterior, nos últimos dois anos, mostram que as exportações e importações mantêm-se em um quadro de relativa estabilidade. As exportações mantêm-se num patamar de US\$36 milhões e as importações de US\$2 milhões. Esse quadro deve permanecer até o fim do ano segundo a tendência que se observa nos dados. Em julho, as exportações totais de moveis somaram US\$250 milhões, sendo este valor apenas 3% maior do que aquelas ocorridas no mesmo período de 2013. Os valores exportados, em julho, foram 21% maiores do que no mês anterior. De certa forma, considerando o atual baixo crescimento da economia nacional e as desvantagens competitivas do país, o esforço exportador do setor é, até certo ponto, louvável.

Em julho, as importações totais de móveis somaram US\$13 milhões, valor este apenas 2% menor do que os ocorridos no mesmo período, em 2013. Essas

importações devem manter-se nesse patamar até o final do ano, seguindo, também, o comportamento de estabilidade nos valores verificados até o presente. Embora, no momento, seja relativamente pequeno o volume importado, esse pode vir a crescer em taxas bem maiores como ocorreu no passado recente, se as condições econômicas tornarem-se mais favoráveis e se a indústria nacional não superar suas vulnerabilidades (Quadro 4).

Quadro 4 – Exportações e Importações Totais de Móveis de Janeiro a julho de 2014 (US\$1.000 FOB)

Meses	Exportações Totais		Variação	Importações Totais		Variação
	2013	2014	2014-2013	2013	2014	2014-2013
<b>JAN</b>	26.656	28.754	8%	2.206	1.796	-19%
<b>FEV</b>	32.286	35.036	9%	2.192	1.880	-14%
<b>MAR</b>	33.340	38.596	16%	2.593	1.547	-40%
<b>ABR</b>	36.601	35.959	-2%	2.904	2.406	-17%
<b>MAI</b>	40.429	39.338	-3%	1.109	1.718	55%
<b>JUN</b>	35.658	33.122	-7%	889	1.891	113%
<b>JUL</b>	38.831	39.914	3%	1.725	2.166	26%
<b>TOTAL</b>	243.803	250.299	3%	13.619	13.407	-2%

Fonte: MDCI, elaborada pelos autores.

### Segmento de Carvão para Siderurgia

O preço do carvão vegetal em julho de 2014, referente ao preço médio para o Estado de Minas Gerais, segundo dados da Associação Mineira de Silvicultura (AMS), alcançou o valor de R\$531/t, queda de 11,5%, quando comparado ao mesmo período do mês anterior, que vinha se apresentando estável desde março. Para o estado do Espírito Santo, os preços da matéria-prima florestal apresentaram média de R\$610/t, não sofrendo alterações frente ao preço praticado no mês de junho.

A produção brasileira de aço bruto em julho de 2014 foi de 2,9 milhões de toneladas, aumento de 0,5% quando comparada com o mesmo mês em 2013. Em relação aos laminados, a produção de julho, de dois milhões de toneladas, apresentou redução de 8,7% quando comparada com julho do ano anterior. Com esses resultados, a produção acumulada em 2014 totalizou 19,7 milhões de toneladas de aço bruto e

14,5 milhões de toneladas de laminados, queda de 1% e 4,7%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2013.

Quanto às vendas internas, o resultado de julho de 2014 foi de 1,7 milhões de toneladas de produtos, queda de 10,2% em relação a julho de 2013. As vendas acumuladas em 2014, de 12,5 milhões de toneladas, mostraram queda de 6% com relação ao mesmo período do ano anterior. Com esse e os demais resultados apresentados ao longo deste ano, o Instituto Aço Brasil (IABr), que representa as siderúrgicas instaladas no país, cortou as perspectivas de produção e vendas de aço no mercado interno em 2014, diante da fraqueza do setor industrial e das fracas perspectivas para o próximo ano.

As exportações de produtos siderúrgicos em julho atingiram 900 mil toneladas no valor de US\$653 milhões. Com esse resultado, as exportações até julho de 2014 totalizaram 4,8 milhões de toneladas e US\$3,6 bilhões, representando declínio de 1,6% em volume e um aumento de 6,9% em valor, quando comparados ao mesmo período do ano anterior.

As siderúrgicas brasileiras voltaram a ter um horizonte mais difícil evidenciado pela diminuição da atividade econômica brasileira. Setores como automotivo e construção perderam ritmo, provocando queda de demanda por aço. Para tentar driblar esse cenário, as usinas estão mudando a estratégia de se concentrarem no mercado doméstico e passam a destinar mais produtos ao mercado externo. As exportações de ferro gusa em julho deste ano totalizaram US\$100,3 milhões e 248,4 toneladas. Isto representou um aumento de 31,4% e 32,7%, em termos de valor e quantidade, respectivamente, quando comparado aos valores registrados no mesmo período de 2013.

No que se refere às importações, registrou-se em julho o volume de 409 mil toneladas (US\$396 milhões) totalizando, desse modo, 2,4 milhão de toneladas de produtos siderúrgicos importados no ano, alta de 15,9% em relação ao mesmo período de 2013.

O consumo aparente nacional de produtos siderúrgicos em julho foi de 2,1 milhões de toneladas, totalizando 14,8 milhões de toneladas no período de janeiro a julho de 2014. Esses valores representaram queda de 7,5% e 3,1%, respectivamente, em relação aos mesmos períodos do ano anterior. Além da menor demanda interna, analistas que acompanham o setor chamam a atenção para ajustes de preços do aço durante o segundo semestre do ano. "As siderúrgicas ainda estão relutantes em



anunciarem corte de preços, mas os riscos estão aumentando”, segundo relatório do BTG Pactual, enviado ao mercado. A percepção dos analistas Leonardo Correa, Luiz Fornari e Antonio Heluany, segundo entrevista à revista Isto É, é de um segundo semestre ainda mais fraco diante dos atuais indicadores da economia brasileira.

É visível a necessidade de medidas de apoio ao Setor por parte do governo. O cenário de aperto de margens é algo bem conhecido das siderúrgicas, que demoraram em começar a apresentar recuperação de rentabilidade após a crise financeira de 2008. Agora, depois de pouco tempo em que conseguiram respirar com mais tranquilidade, o sinal amarelo voltou a acender, trazendo até mesmo maior cautela para o desembolso de recursos.

### **Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas**

Ana Valverde (Eng. Agrícola, M.Sc. Eng. Agrícola, Dendrus Projetos Florestais e Ambientais Ltda)

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Ciência Florestal

Camila Brás Costa – Eng. Florestal, M.Sc. em Ciência Florestal.

\* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.